

**RIBEIRO JR., Wilson A. (Ed.) *Hinos homéricos: tradução, notas e estudo.*
São Paulo: Ed. UNESP, 2010. 576 p.**

Fábio Pereira Mazzarella
Graduação em Letras (UFRJ)
Orientador: Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus (Proaera-UFRJ)

Hinos Homéricos é um livro elaborado por uma equipe de especialistas que traz uma tradução própria, notas esclarecedoras e estudos esmerados. Sob a atenta organização de Wilson Alves Ribeiro Jr, os professores Edvanda Rosa, Fernando B. dos Santos, Flávia Marquetti, Maria Celeste Consolin Dezotti, Maria Lúcia Gili Massi e Sílvia Maria Schmuziger de Carvalho, todos ligados direta ou indiretamente ao prestigiado grupo de classicistas da UNESP (Campus de Araraquara), oferecem alguns resultados de suas pesquisas e analisam os hinos, a partir de sua relação com o momento de sua produção e o câmbio que os hinos exercem entre o festival, a *pólis* e a épica.

Destinado a estudiosos interessados na literatura, religião e a sociedade clássica antiga, o livro *Hinos Homéricos* é a primeira edição integral em português dos hinos atribuídos a Homero, em apresentação bilíngue com texto grego espelhado. A alta qualidade da tradução faz deste livro a coletânea há tanto tempo esperada no meio dos estudos clássicos.

Dá-se o nome de hinos homéricos aos 33 poemas que celebram os mitos de diversas divindades como Afrodite, Apolo, Deméter, Dioniso, Gaia, Selene, Zeus e outras que compõem o panteão do mundo grego antigo e demais figuras divinizadas como os heróis Asclépio, Dióscuros Hércules. Assim como a *Iliada* e a *Odisseia*, os hinos homéricos foram atribuídos, na própria antiguidade, ao “poeta mítico” Homero, para usar um termo muito presente na obra. Como ensina o classicista inglês Richardson, citado no livro em exame:

Os gregos e romanos acreditavam que Homero fora o maior dos antigos poetas, e o fato de que os hinos eram também atribuídos a ele é um tributo à alta qualidade dos hinos.¹

O fato é que não só a veracidade dessa atribuição autoral dos poemas é duvidosa como também a própria existência de Homero é alvo de questionamentos. A introdução traz um subcapítulo acerca da “questão homérica”, que consiste justamente nessa discussão sobre a atribuição dos hinos a Homero. Tal texto, intitulado “Homéricos, mas não de Homero”, traz um conteúdo assaz informativo que mais adiante será pormenorizado.

Hinos Homéricos inicia-se apresentando a relação complexa entre os festivais (ocasiões nas quais os hinos eram proclamados pelos rapsodos) e a vida cotidiana nas *pólis* gregas.

Afirmção política, prestígio da *pólis* perante as demais e a exibição de poder econômico eram umas das tônicas dos festivais e indubitavelmente uma maneira dos soberanos arrecadarem recursos, vindo dos metecos. Uma festa políade, pan-helênicas de ênfase religiosa, com disputas esportivas em que obviamente se instituíam feriados regionais, os festivais apresentavam uma pausa no cotidiano dos helenos, o que subentende um relaxamento na tensão social. Essa quebra no cotidiano causada pelos festivais mostra a importância dessas cerimônias para o mundo grego antigo. O próprio historiador Tucídides relata (8.10): que em 412 a.C, durante a segunda Guerra do Peloponeso, Corinto e Atenas mantinham conflitos devido a disputas territoriais e busca de reconhecimento como autoridade sobre as outras cidades. Mas, mesmo com tais prélios, ao iniciarem os *jogos ístmicos*, dedicados a Posídon, Corinto convidou Atenas para participar das celebrações dedicadas ao deus, promovendo uma paz temporária, para que assim fosse possível a continuação dos jogos e a entrega de honrarias à divindade.

Esse acontecimento de caráter político, social e religioso era de nominado de *trégua sagrada*, uma breve pausa nos conflitos bélicos, visto que as únicas disputas permitidas durante a *trégua sagrada* eram as pertinentes aos festivais.

Os festivais divergiam entre si em forma e conteúdo e sua constituição variava de acordo com o deus ao qual era destinado. Entretanto, todos os festivais tinham a procissão, isto é, a pompa, como algo em comum, e essa caminhava em direção ao templo do deus o qual se propunha celebrar, no caso de rituais que contemplam o sacrifício como uma de suas partes, a *thysia* era realizada na parte

¹ RICHARDSON, N. (1974) *apud* RIBEIRO Jr., W. A. (2010)

exterior nunca no interior do templo, este somente servia para as oferendas e consultas aos deuses por intermédio ou não dos sacerdotes, como nos demonstra o historiador Jean-Pierre Vernant em seu livro *Mito e Religião na Grécia Antiga*:

O templo, morada reservada ao deus como seu domicílio, não serve de local de culto onde os fiéis se reuniam para celebrar os ritos. É o altar exterior, o *bomós*, bloco de alvenaria quadrangular, que preenche essa função.²

Com a mesma competência em que foi exemplificada a relação dos festivais com a *pólis* grega, *Hinos Homéricos* vai apresentar as características religiosas dos hinos e acentuar sua importante participação nos festivais, antecedendo coros e cantos épicos exercendo, deste modo, a função de prelúdios ou proêmios como também são chamados desde Píndaro.

Ainda, Tucídides (3.104.2-4) atribuiu a Homero o hino referente ao filho de Zeus e de Leto, Apolo, hino esse que teria sido um prelúdio, um proêmio, antecessor ao coro nas Delias, festival ocorrente nas festas em Delos.

Do mesmo modo que os rituais de purificação, refeições coletivas – como as relatadas por Homero na *Ilíada* –, competições esportivas, concursos de poesias, danças corais e peças teatrais, os hinos homéricos também tinham grande relevância na composição dos festivais. Ao invocar o deus e cantar seu nascimento e feitos, o rapsodo, no ato de proclamar o hino diante dos espectadores ou iniciados no ritual religioso, cultua o Deus referido e apresenta-o, na ocasião do ritual, mostrando que os hinos tinham, sobretudo, caráter religioso em quaisquer cerimônias que fossem recitados, sejam essas em festivais, sejam em cerimônias matrimoniais ou ocasiões de ritos. Esses tinham a função plena de evocar a figura do deus referente e de centralizar sua semântica através de um discurso retórico junto à estruturação complexa de sua sintaxe, como nos ensina o professor José Marcos Macedo em seu livro *A palavra ofertada* (2010, p.47):

O hino Homérico a Apolo, em sua seção délica, permite reconhecer simultaneamente duas estratégias retóricas comuns a vários hinos gregos. De um lado, o esforço de atrair o deus para o instante presente do culto, e fazê-lo através de elementos formais habilmente laborados pelo poeta. De outro, artifício – esse já mais raro – de situar em seu centro o núcleo da mensagem, para assim lhe conferir relevo.

² VERNANT, J. 2006, p.54

A questão dos hinos exercendo a função de proêmios é brevemente tangida em *Hinos Homéricos*, denotando que se entende por proêmio o hino que de fato antecede uma posterior manifestação artística como, por exemplo, danças corais e poemas épicos ou até mesmo outro hino, que Luiz Alberto Cabral, no livro *O Hino Homérico a Apolo*, opta por chamar ousadamente de “proêmio do proêmio”. Um exemplo claro, entre vários, presente na coletânea em proposta, de proêmio antecedendo a outro proêmio, ou seja, um hino curto que é anterior a um hino de maior extensão é o hino Homérico 28, destinado a Atena, traduzido pelo professor Fernando B. Santos:

Καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε Διὸς τέκος αἰγιόχοιο.
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σείο καὶ ἄλλης μνήσομ' αἰοιδῆς.

Assim também, tu, salve, rebento de Zeus porta-égide;
em seguida, eu também hei de me lembrar de ti em outro
canto.

Nessa passagem final é fácil perceber que se trata de um proêmio que toma a postura de antecessor de outro hino, que por sua vez vai anteceder uma dança coral ou um canto épico, como já foi dito.

Uma abordagem feita no texto relativo à “questão homérica”, que julgo pertinente ser comentada ainda no campo funcional dos hinos, é o fato de o Eurípides compor um proêmio como introdução para a peça *Ifigênia em Táuris*, o que nos comporta dizer que, durante o período clássico, os hinos haviam se tornado gêneros literários parcialmente autônomos e inserido como antecessores, sempre que desejados, nas obras dos tragediógrafos.

Concluído o estudo sobre a parte funcional dos hinos como proêmios e sua importância cerimonial. *Hinos Homéricos* vai chamar a atenção não só para as características estruturais entre os hinos, as epopéias e as poesias sapiências – ainda que tais características sejam indispensáveis – referentes a Homero e Hesíodo como a *Iliada*, a *Odisséia*, a *Teogonia* e *Os trabalhos e os Dias* respectivamente, mas também vai se preocupar em mostrar suas relações de forma que o leitor possa perceber a semelhança temática que ocorre entre os hinos e as demais obras mencionadas, bem como as influências que o gênero épico, forçosamente mais antigo, exerce em relação aos hinos mais recentes.

Os hinos homéricos assim como os poemas épicos não teriam sido necessariamente compostos por um único poeta. Foram eles atribuídos a Homero

sem nenhum motivo fundamentado, senão pelas semelhanças já mencionadas e também pela tradição. As próprias obras sobreviventes de Hesíodo (que bem provavelmente viveu na Beócia durante o final do século VIII e início do VII a.C.), *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, iniciam-se com evocações, ao modo de hinos, às Musas e a Zeus respectivamente, sugerindo mais uma vez tradição de proêmios. Caso os “hinos” iniciais referentes aos poemas sapiências de Hesíodo tivessem sido mantidos separados das suas estruturas originais, nós teríamos provavelmente mais três hinos homéricos na coleção. Para ilustrar tal assertiva, reproduzo a tradução do início do poema *Os trabalhos e os dias* da professora Mary de Camargo Neves Lafer seguida de um pertinente comentário da mesma:

Musas Piérias que glórias com vossos cantos,
vinde! Dizei Zeus vosso pai hineando.
Por ele mortais igualmente desafamados e afamados,
notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.
Pois fácil tornar forte e fácil o forte enfraquece,
fácil o brilhante obscurecer e o obscuro abrilhanta,
fácil o oblíquo apruma e o arrogante verga
Zeus altissonante que altíssimos palácios habita.
Ouve, vê, compreende e com justiça endireita sentença
Tu! Eu a Perses verdades quero contar.

Aquilo que chamamos de *literatura sapiencial* é integrado por algumas obras da literatura nativa de muitas nações que se caracterizam pela preocupação em reunir literariamente preceitos, conselhos, admoestações e instruções repertoriadas por um povo quando – regra geral – está vivenciando períodos de profundas crises e de consequentes tentativas de reconstrução de sua sociedade e de seu patrimônio.³

Como parte na análise composicional é colocado em evidência que os hinos apresentam linguagem, métrica, composição oral, digressões e atribuições de discursos a personagens de maneira semelhante à da epopéia, permitindo que muitos helenistas classifiquem os hinos como derivados da épica ou até mesmo sejam denominados de “sub-épicas”. Tal composição será melhor esmiuçada

³ LAFER, N, M. 2008, p.15

adiante.

Já na parte dedicada a temática discursiva, *Hinos Homéricos* mostra que é possível perceber, na performance, uma relação mútua entre os hinos e a épica. O hino homérico 6, a *Afrodite*, é uma glosa da *Odisséia* e há diversos paralelos entre o Hino 2, a *Deméter*, e o Hino 5, a *Afrodite*. Deste modo fica acentuada a ligação entre os hinos e esses com as epopéias.

Além da relação temática entre hinos e epopeias ou sua funcionalidade como prelúdios, como mencionado anteriormente, *Hinos Homéricos* vai concluir sua introdução levantando detalhes da estrutura composicional dos hinos. Em seguida, vai dar início a uma análise minuciosa da estrutura dos hinos, revelando – conforme nos mostra Ausfeld – os hinos estudados apresentam um arcabouço de tripartite sequencial, embora provido de certa flexibilidade⁴.

Dos quatro antigos gêneros de poesia grega em hexâmetros – hino, narrativa épica, catálogo e poema didático – o hino é o único que se distingue por uma estrutura formal⁵

O rapsodo na *inuocatio* – identificada como parte inicial da estrutura do hino – clama a presença da divindade que se propõe honrar, a *inuocatio* tem como função primária ligar o rapsodo e o culto ao deus ou herói, trazendo deste modo o deus respectivo ao hino à cerimônia proporcionando uma aproximação entre o divino e o humano.

Em seguida temos a *pars epica*, posterior a *inuocatio*, é a parte de maior extensão nos hinos, devido à quantidade de atributos e epítetos relacionados ao deus celebrado. Assim, essa parte é responsável por exaltar a importância da divindade perante o público. A *pars epica* também relata os feitos dos deuses e seus mitos como, por exemplo, suas ações e seu lugar de nascimento. Enquanto, aí, a narrativa é apresentada no tempo passado, os atributos são enunciados no presente, parecendo indicar, com isso, que o passado narrado sustenta o culto presente.

A última parte da estrutura tripartite, consiste na *precatio* que, por sua vez, conta com outros três elementos sequenciados: uma saudação ao deus, uma ou mais preces e, na sua conclusão (caso se trate de um proêmio que venha a preceder outro hino ou gênero artístico), uma alusão ao próximo poema, por exemplo, na

⁴ Ausfeld (1903), Danielewicz (1974), Bremer (1981), Janko (1981), Massi (2006) *apud* RIBEIRO Jr (org), 2010, p.52.

⁵ JANKO, R. 1981, p.23 *apud* RIBEIRO Jr. (org), 2010, p. 51.

tradução do h.hom 6, a Afrodite da professora Flávia R. Marquetti: “Permita-me arrebatá-la a vitória neste concurso e dá-me compor meu canto. Eu pensarei ainda em ti em outro canto.” (2010, p.120).

Por fim, *Hinos Homéricos* apresenta suas traduções, como dito no início do presente trabalho, sempre com o texto em grego espelhado e ao fim de cada hino respectivo as divindades, colocadas por ordem alfabética, um ensaio específico de cada figura divina esmiuçando não só a correlação do conteúdo dos hinos com os deuses, mas sempre que pertinente acrescentando informações ricas para uma compreensão mais sofisticada da figura mítica em questão.



Recebido em Outubro 2009

Aprovado em Dezembro 2009